



As viagens e as experiências de fronteira na transgressão do “armário” gay

Maicon Gularte Moreira¹

Dalila Rosa Hallal²

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Para além das distorções geradas pela segmentação econômica do turismo LGBT, esta pesquisa tem como objetivo estabelecer uma relação entre a viagem e a transgressão do “armário” gay. Caracteriza-se como estudo qualitativo, com pesquisa bibliográfica exploratória em estudos de diferentes áreas e análise sobre relatos de viajantes gays obtidos através de entrevistas abertas, gravadas e transcritas. Resulta na viagem como campo das experiências de fronteira, no qual as alteridades se estabelecem e permitem aos sujeitos gays o conhecimento de si através do olhar sobre o outro e, conseqüentemente, da afirmação de suas sexualidades. Conclui que as viagens são utilizadas pelos gays na fuga das coerções sociais de onde vivem, que as experiências oportunizadas por essas viagens são fundamentais na transgressão dos conflitos do “armário” gay.

Palavras-chave: Homossexualidade; Armário gay; Coming out; Viagem;

Abstract: *In order to go beyond the distortions caused by economic segmentation of the LGBT tourism, this work aims to set out a relationship between travel and the transgression of the gay "closet". This is a qualitative study with exploratory bibliographical survey in studies of different areas and analysis of gay travelers reports obtained through open, recorded and transcribed interviews. The results reveal travel as a field of border experiences, in which alterities are established and gays are allowed to get to know themselves through looking into the other and, consequently, to affirm their own sexualities. In summary travel is used by gays in their escape from social coertions which come from the place where they live and that the experiences provided by these travels are essential in the transgression of the gay "closet" conflict.*

Keywords: *Homosexuality; Gay closet; Coming out; Travel.*

Introdução

Por ser o turismo caracterizado como uma atividade complexa e cujo entendimento deve se dar ao nível da transdisciplinaridade, é necessário aos seus planejadores, gestores e pesquisadores dedicarem atenção especial a diversos aspectos colocados à margem dos processos de desenvolvimento da atividade como, por exemplo, os aspectos relacionados às

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: maiconmoreira@gmail.com.

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2010). Professora associada da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dalilahallal@gmail.com.



dimensões ambiental e social que a abarcam, uma vez que é notória a hegemonia das questões econômicas diante das demais, outrora explicitada por Krippendorff (2009, p. 25, destaque do autor) quando coloca que:

A economia reina soberana em nossa civilização. Ela é, ao mesmo tempo, a força motora, o fim e o meio. Ela dita a conduta a adotar. A exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob o seu domínio e a ela estão subordinados. Houve uma “economização” de todas as esferas da existência. Do nascimento à morte, todas as atividades estão literalmente arriscadas a ser comercializadas.

Nesse sentido, diversas pesquisas realizadas na área do Turismo LGBT³ (OLIVEIRA, 2002; HAUSER, 2005; SILVA, 2007; NASCIMENTO, 2009), abordam sobre o perfil desse grupo de consumidores, atentando para o fato de ser um segmento com retornos financeiros acima do comum, uma vez que possuem uma faixa de renda maior que a média brasileira e uma formação escolar e profissional mais avançada. Expõem também o fato de que a maioria da população LGBT não é casada e não possui filhos, e por esses motivos teriam disponibilidade de mais tempo e dinheiro para realizarem atividades de turismo e lazer do que os consumidores tidos como heterossexuais. Essas pesquisas, que utilizam tal abordagem, reproduzem um estereótipo exacerbado que nem sempre representa identitariamente à totalidade da população LGBT, e incentivam as empresas voltadas para este segmento a buscarem apenas o potencial retorno financeiro através do chamado *pink money* (dinheiro rosa), e nem sempre se preocupam com a inclusão social dessas pessoas que vivem à margem dos serviços oferecidos para todos os demais grupos sem distinção.

Apenas sob o ponto de vista econômico, a segmentação assume um caráter segregacionista na medida em que cria novos guetos sem se importar com a real perspectiva do consumidor LGBT frente as suas necessidades, motivações e expectativas em relação ao deslocamento turístico. Apesar de os guetos serem espaços onde as sexualidades, em especial a homossexual, podem ser vivenciadas longe das pressões estigmatizantes da sociedade, entendemos que a inclusão social real apenas será possível quando não houver espaços, públicos ou privados, delimitados para isso, como não há para a expressão ou afeto heterossexual. Por este motivo, o trabalho possui como pergunta norteadora de pesquisa: poderia ser considerada a relação entre o sujeito *gay* e a viagem, na qual a segunda é usada pelo primeiro como um meio para a transgressão do seu “armário”⁴?

Portanto, o objetivo deste trabalho é estabelecer uma relação entre a viagem e a transgressão do “armário” *gay*. O estabelecimento dessa relação será possível pelo entendimento da viagem como uma forma de afastamento das coerções sociais enfrentadas pelos *gays* e o que as experiências vivenciadas por eles durante seus deslocamentos influem

³ Sigla adotada desde 2008 pelos movimentos sociais no Brasil para identificar os grupos formados por Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transgêneros (SILVA, 2011, p. 129).

⁴ O “armário” é caracterizado por Lanzarini (2013, p. 551) como “um espaço simbólico onde se escondem desejos e sexualidades em benefício de um grupo social dominante, mantendo a identidade sexual em segredo”.



na percepção de suas sexualidades. Através da realização de entrevistas com viajantes *gays* buscamos o estabelecimento de intersecções entre as teorias abordadas e as narrativas desses sujeitos sobre suas experiências de viagens. Visamos, pois, a teorização da viagem sob uma perspectiva libertadora e transformadora, evidenciando as motivações, expectativas e representações para os sujeitos dessas ações, quase sempre relacionadas com a necessidade de fuga e/ou busca de si. Através da caracterização da experiência de fronteira como espaço de alteridade⁵ ratificamos a ideia das relações de liberdade/fuga e transformação/busca de si que se estabelecem durante as viagens.

Não configura, pois, o foco desta pesquisa, realizar uma cruzada contra a segmentação do mercado turístico LGBT, apenas buscaremos discernir sobre outro tipo de relação entre o turismo e tais pessoas, visando não só a inclusão social dessa população, mas também a humanização e sensibilização dos serviços prestados pelo setor turístico, especialmente os direcionados a este público. A promoção da inclusão social, neste caso da população LGBT, pode ser papel desempenhado pela atividade turística que, por sua vez, poderá ser beneficiada se houver a percepção por parte dos turistas LGBT de que o turismo também é uma ferramenta para exercício da sua cidadania. Por essas razões e também pelo fato de existirem raras abordagens acadêmicas na perspectiva apresentada, a presente pesquisa se mostra como um campo fértil para investigação.

Este trabalho é parte de um trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas e caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, visto que os fenômenos apenas podem ser analisados e compreendidos dentro do contexto em que se inserem e do qual fazem parte, não sendo quantificáveis. Para tanto, caracteriza-se como pesquisa exploratória onde foram utilizadas fontes bibliográficas de diversas áreas do conhecimento visto que a produção sobre o tema abordado pelo trabalho ainda carece de fontes específicas. Dessa forma, e a partir daí, busca obter dados sob o ponto de vista dos sujeitos envolvidos, considerando todas as perspectivas relevantes, através da realização de entrevistas com roteiro composto por perguntas abertas, que foram gravadas, transcritas e analisadas, posteriormente, de acordo com o arcabouço teórico construído.

Os entrevistados foram escolhidos a partir de indicação dos membros do Grupo TAMBÉM Pelotas – pela livre expressão sexual. É um grupo social organizado, militante do movimento LGBT e de Direitos Humanos no Brasil, formado desde o ano de 2002 na cidade de Pelotas/RS, que organiza viagens com temática LGBT, eventos para discussão e formação política em relação às demandas dos LGBT, presta atendimento e orientação às pessoas LGBT em razão de seus conflitos e é responsável pela produção e distribuição gratuita de um jornal impresso de forma independente, cujos assuntos são de interesse da população LGBT. O critério para indicação estabelecido aos membros do grupo foi que o indivíduo deveria ser *gay*. Optamos por não trabalhar nessa pesquisa com os grupos de lésbicas e transgêneros, pois

⁵ A autora Rolnik (1992 apud ZANELLA, 2005, p. 100) define alteridade como “o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis”.



haveria a necessidade de outras abordagens sobre as relações de gêneros estabelecidas em nossa sociedade e que poderiam ter influências sobre os possíveis processos de formação identitária dessas pessoas.

A VIAGEM COMO CAMPO DE FRONTEIRA

O deslocamento humano é tão antigo quanto à própria humanidade, haja vista a necessidade de sobrevivência dos primeiros habitantes nômades do planeta. Obviamente os deslocamentos realizados ao longo dos diferentes períodos históricos, possuíram motivações distintas entre si, visto que se tratam de épocas distintas. Porém, podemos encontrar em autores como Reinaldo Dias (2008), que aborda as práticas de deslocamento dos antigos gregos por motivos esportivos, religiosos e de adquirir conhecimento, motivações de deslocamento que se perpetuam ao longo dos tempos e assemelham-se às atuais. O mesmo autor fala que os antigos romanos eram, inclusive, mais completos que os gregos na profusão das atividades de lazer, possuindo até mesmo segundas residências para uso em determinadas épocas do ano.

Outra relação tão sólida quanto à relação dos romanos com os deslocamentos, é a relação dos homossexuais com as “viagens para fora de seus locais de origem e para outros países” (TREVISAN, 2006, p. 142), sendo considerada “uma constante na história de vida de milhares de homossexuais, em diferentes países e nas mais diversas épocas” (TREVISAN, 2006, p. 142). Conforme João Silvério Trevisan (2006) são muitas as histórias conhecidas que envolvem as viagens de personalidades históricas e suas sexualidades. A história de Joana d’Arc, no século XV, por exemplo, é uma delas. Joana fugiu de seu local de origem onde seria obrigada a desempenhar um papel feminino, casar e ter filhos, para vestir-se de homem e comandar o exército francês (TREVISAN, 2006). Ela “não saiu para uma viagem no sentido turístico estrito, mas partiu para fora da sua aldeia, numa experiência de exílio, em busca de sua verdade pessoal: ser outro tipo de mulher” (TREVISAN, 2006, p. 143). Trevisan relata que um dos destinos mais procurados pelos homossexuais nos séculos XVIII e XIX foi a Itália, para a qual rumaram “o russo Peter Ilitch Tchaikovsky, o alemão Joahnn Joachim Winckelmann, o irlandês Oscar Wilde e o dinamarquês Hans Christian Andersen” (TREVISAN, 2006, p. 144) na busca não apenas de viajarem a passeio, mas também para viverem suas sexualidades de maneira livre.

Por que homossexuais viajam tanto? Em resposta à sensação de exílio em seu próprio país, freqüente entre grande número de homossexuais, ocorre a necessidade premente de conhecer o mundo. A tendência é que homossexuais abandonem os lugares mais inóspitos e agressivos, inclusive suas cidades de origem, para “procurar o seu lugar”, movidos pelo desejo de se libertar. Daí um certo pendor andarilho que pode ser associado à vivência homossexual em nossas sociedades. (TREVISAN, 2006, p. 144, destaques do autor)



Não são objetivos deste trabalho, contudo, dissertar sobre a história do turismo. Faz-se tal registro apenas para confirmar que o deslocamento sempre foi um instrumento utilizado pelo ser humano, independentemente da forma como fazia, em busca daquilo que, em seu local de hábito, não poderia obter, pois “o homem sempre está às voltas com necessidades relacionadas ao seu corpo, as quais só podem ser satisfeitas mediante a obtenção de algo que ele, de início, não possui” (ROTSTEIN; BASTOS, 2011, p. 373). Logo, “compreender o homem por meio do estudo das viagens ou buscar as razões que levam o homem a viajar e descobrir como as viagens influem na vida e no comportamento do homem são questões importantes” (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 156) para a compreensão não apenas do ser humano em si, mas também do fenômeno turístico, das relações estabelecidas por e através dele e os impactos inerentes que causa.

Para Burns (2002 apud LEAL, 2013, p. 11) a viagem abrange “motivações, expectativas, experiências, interações sociais e trocas culturais, com implicações e consequências das mais diversas ordens”. Já Thaís Pimentel (2001) fala que a viagem é a forma pela qual os membros da nossa sociedade “ligam as suas vidas e consomem um mundo de significados e lugares” (PIMENTEL, 2001, p. 82) e que “quanto mais se aproxima da idéia de aventura, mais a viagem indica a possibilidade da liberdade” (PIMENTEL, 2001, p. 83), pois:

[...] na medida em que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa. (IANNI, 1996 apud PIMENTEL, 2001, p. 83)

Essa característica transformadora também é apontada por Charbonneau (s.d. apud PIMENTEL, 2001) como motivadora da viagem. Para ele a viagem é uma “forma moderna de inquietação, a viagem é, no espaço, a réplica da constante peregrinação do espírito individual, da busca de uma transcendência e da sua fuga diante de si próprio” (CHARBONNEAU, s.d. apud PIMENTEL, 2001, p. 85). Por isso, Ianni (1996 apud PIMENTEL, 2001, p. 87) nos fala que “toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias”.

Da mesma forma, Krippendorf (2009, p. 11) diz que a necessidade ou motivação da viagem se dá porque as pessoas “sentem em seu âmago a monotonia do cotidiano, [...] assim como o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos” e, em contraponto a isso, viajamos para “liberar-nos da dependência social, desligar-nos e refazer nossas energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, entabular contatos, descansar, viver a liberdade e procurar um pouco de felicidade”. Consequentemente,



“a possibilidade de sair, de viajar, reveste-se de uma grande importância” (KRIPPENDORF, 2009, p. 34). Ele fala que o condutor do sujeito à viagem “não é tanto o resultado de um impulso pessoal quanto à influência do meio social, que fornece a cada um as suas normas existenciais. A decisão pessoal é, de certa forma, condicionada pela sociedade” (KRIPPENDORF, 2009, p. 36). Ainda em seu trabalho, Krippendorf (2009, p. 45-48) apresenta teses de motivações de viagem, das quais “Viajar é fugir” e “Viajar é partir para a descoberta de si mesmo” ratificam as motivações aqui já apresentadas.

Em comum a esses autores, dois termos, que podem nos ajudar a compreender os usos e significados das viagens no processo de *coming out*⁶, aparecem em suas teorias: experiência e fronteira. Ao analisar a etimologia da palavra “experiência”, Eduardo Rotstein e Angélica Bastos (2011) mostram que o sentido dos termos que dão origem à palavra ainda relacionam-se com os significados atuais:

“*Erfahrung*” e “experiência”, respectivamente, no alemão e português correntes, designam hoje de modo predominante o ato de vivenciar, travar contato com algo pelos próprios sentidos, ou o saber obtido dessa maneira. Ambos têm raízes comuns na língua grega e latina e remontam a termos cujo sentido concreto se deixa entrever especialmente no termo alemão. Este se forma a partir do verbo “*erfahren*”, derivado de “*fahren*”. Desde sua aparição até os dias atuais, “*fahren*” conserva como sentido predominante “viajar”, “percorrer uma extensão”, via de regra, “em direção a um lugar e por meio de algum veículo”. Sentido semelhante transmitiu-se, então, a “*erfahren*”, o qual passou gradualmente a designar também o ato de deslocar-se para colher alguma informação sobre alguém ou algo, para, finalmente, ter seu significado restringido a vivenciar, informar-se sobre algo por meio da percepção sensível, sem que esse ato tenha de ser precedido por qualquer atividade do experienciador. (GRIMM, 1984 apud ROTSTEIN; BASTOS, 2011, p. 372, destaques dos autores)

Os mesmos autores relatam que para Sigmund Freud a experiência possuía dois sentidos, entre os quais o primeiro seria explicado através do desejo como motivador do ser humano, onde “a experiência é um ‘transportar-se para fora’ na tentativa de alcançar algo que não se tem e cuja obtenção traria satisfação” (ROTSTEIN; BASTOS, 2011, p. 379, destaque dos autores). Encontramos, pois, nesse sentido atribuído por Freud, a relação entre a experiência e a motivação da viagem: a partida em busca daquilo que se quer e não se tem. Logo, serão as experiências vivenciadas através da viagem que trarão as significações e sentidos que o sujeito busca. Especificamente em relação ao tema abordado, serão as experiências vividas pelos sujeitos homossexuais durante as viagens que possibilitarão a eles a identificação de si, longe das coerções sociais a que são submetidos cotidianamente.

Sobre fronteira, Paulo Jorge Vieira (2011, p. 47) diz que a “mobilidade” é permeada “com fronteiras simbólicas e reais que delimitam os diferentes territórios onde essas mesmas mobilidades acontecem”. Salienta, assim, que mesmo que identifiquemos as fronteiras como

⁶ A expressão em inglês *coming out* origina-se de outra expressão, também em inglês, conhecida como *coming out of the closet*, que em tradução livre para o português significa sair do “armário”. O *coming out* “refere-se ao processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas [...], tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico” (NUNAN, 2003 apud SCHIRMER, 2010, p. 39).



limites geopolíticos, devemos reconhecê-las como “construções sociais, culturais e políticas” (PAASI, 2005 apud VIEIRA, 2011, p. 47). Dessa forma, ratifica as “fronteiras como espaços de ruptura e descontinuidade espacial” (VIEIRA, 2011, p. 47). Portanto, “as fronteiras devem ser entendidas como importantes elementos constitutivos das práticas e narrativas através dos quais grupos sociais e suas identidades são construídas e governadas” (VAN HOUTUM; KRAMSCH; ZIERHOFER, 2005 apud VIEIRA, 2011, p. 47).

Ao interpretar a temporalidade e a noção de tempo e espaço das viagens, não reconhecendo o espaço como abstração “limitada aos objetos de interesse” (ALMEIDA, 2013, p. 21), mas sim o espaço social integrado aos sujeitos, Fabiana Almeida (2013, p. 22, destaques da autora), não compreende a viagem através “do modelo do deslocamento (abstração), mas como dimensão constitutiva de um mesmo ‘campo de transcendência’ ou ‘campo de presença’, fundadora de uma diferenciação interna que se altera constantemente”. Segundo ela, “seria o ‘campo de presença’ definidor da passagem, da travessia que permite a criação do campo de fronteira, um espaço aberto por intersecções” (ALMEIDA, 2013, p. 22, destaques da autora).

São as subjetividades dos sujeitos, na sua dimensão externa, que criam as descontinuidades espaciais e permitem a experiência da alteridade no campo de fronteira, o olhar para si mesmo a partir do encontro no outro visível e invisível. Neste sentido, a realidade do outro, do mundo, como exterioridade seria apenas uma passagem, um espaço intermediário no processo de elaboração da experiência. A experiência, nesse sentido, dependeria da relação que o sujeito cria com o mundo. Quanto maior a abertura do sujeito atento ao mundo, maiores as possibilidades de experimentação e sabedoria. (ALMEIDA, 2013, p. 22)

Tais sujeitos buscariam “no campo de fronteira, no encontro permanente com o mundo e os outros (os outros homens, a natureza, o outro não humano, e o outro espiritual) conhecerem-se mais. Caso contrário, estaríamos nos referindo a uma experiência de imobilidade” (ALMEIDA, 2013, p. 23). Deste modo, se a fronteira no campo do “armário” homossexual representa o limite entre o público e o privado (REYNOLDS, 1999 apud SAGGESE, 2008), ou no campo da identidade o limite entre o sujeito e o outro, no espectro da viagem podemos relacionar a fronteira como o ponto onde a alteridade se estabelece e permite a efetivação da experiência que, por sua vez, pode trazer a satisfação daquilo que a motiva. Por outras palavras, é “em torno das práticas espaciais [...] que a saída do armário como processo de mobilidade se espacializa ultrapassando fronteiras simbólicas e reais” (VIEIRA, 2011, p. 49).

Tal constatação é confirmada por Fabiana Almeida (2013, p. 23), quando fala que “o desejo de transformação dos sujeitos que cria a possibilidade de trânsito com o mundo. O movimento, por sua vez, cria espacialidades”, ratificando, ainda, que:

A ação do sujeito no campo de fronteira transpõe a tendência ao percurso retilíneo, do caminho mais fácil, próprio às zonas de conforto, ao mais difícil. Trata-se do campo de conhecimento resultante da abertura e do desejo do contágio, da



interferência do desconhecido. Colocar-se na condição de fronteira, eis o desafio da viagem!

Finalmente, se “a identidade existe sempre em relação à outra, [...] identidade e alteridade estão sempre ligadas, não existindo identidades unicamente para si” (ALMEIDA, 2013, p. 23). Logo,

A experiência da viagem turística, para ser significativa, encontra seu potencial na experiência de fronteira, um olhar (de corpo inteiro) atento, cuidadoso, aberto do sujeito para a experimentação do mundo e suas alteridades espaciais. Uma atitude comunicacional, dialógica, com o mundo e todos os seus outros. Uma experiência de atravessamento para o encontro no outro, uma passagem para o encontro de nós mesmos. Penso que encontrar o outro em nós mesmos significa o encontro de si mesmo no outro. Trava-se, assim, uma relação dialógica entre o outro de si mesmo e o outro do outro. A viagem, aqui, é pensada como travessia, transformação, passagem permitida pelo campo de fronteira. (ALMEIDA, 2013, p. 26)

A VIAGEM ATRAVÉS DOS RELATOS DE VIAJANTES GAYS: percepção de si e percepção do outro.

Atemo-nos agora a apresentação e análise das quatro entrevistas, compostas por perguntas abertas, gravadas e posteriormente transcritas, que nos auxiliam nessa busca de intersecções entre as viagens e o “armário” *gay*. Todas as entrevistas ocorreram nos meses de junho (duas entrevistas) e julho (duas entrevistas) deste ano, na cidade de Pelotas/RS, com *gays* que possuem como hábito viajar e que foram indicados por um membro do Grupo Também Pelotas – pela livre expressão sexual. Para fins de preservação da identidade e privacidade dos indivíduos entrevistados, omitiremos seus nomes e quaisquer outras informações que possam identificá-los, embora alguns deles tenham autorizado tal uso. Portanto, os entrevistados serão aqui identificados com as letras A, B, C e D, obedecendo a ordem na qual ocorreram as entrevistas.

O entrevistado A é natural de Pelotas, mas reside na cidade de Curitiba/PR, tem graduação em História, é especialista em História do Brasil e Formação do Espaço Urbano, é professor da rede privada de ensino, tendo atuado por 12 anos como professor no ensino privado na cidade de Pelotas/RS, possui 35 anos de idade e é solteiro. O entrevistado B possui 26 anos, é natural de Pelotas, onde reside, é estudante universitário, trabalha como monitor bolsista na mesma instituição de ensino onde estuda, é solteiro, mas mantém um relacionamento há seis meses. O terceiro entrevistado, caracterizado aqui como entrevistado C, tem 28 anos, é natural de Pelotas, onde também mora, possui graduação em Geografia e, atualmente é mestrando em Geografia em instituição de ensino do município e é solteiro. O último entrevistado, chamado aqui de entrevistado D, é natural da cidade de Rio Grande/RS, mas vive em Pelotas/RS junto a seu companheiro com o qual mantém união civil reconhecida legalmente. O entrevistado D possui 35 anos de idade e é terapeuta holístico. Com exceção do entrevistado C que se identificou como homossexual, todos os demais entrevistados se caracterizaram com o termo *gay*.



Nos relatos de viagens, encontramos dois tipos distintos nas entrevistas realizadas: a viagem turística e as residências temporárias em outra cidade, ou seja, se estabelecer em outra cidade, ainda que temporariamente. Embora tenhamos nos deparado com tal situação, essa não comprometeu os dados encontrados, uma vez que esses deslocamentos se caracterizam como experiências de afastamento, alteridade e conhecimento de si. Iniciaremos abordando o deslocamento temporário destacado por um dos entrevistados e que julgamos relevante para este trabalho, para posteriormente analisarmos os demais relatos de viagens.

O entrevistado A (18.06.2014), após concluir um curso técnico aos 19 anos, nos relatou que foi morar, pelo período de um ano, na cidade de Florianópolis/SC, onde experimentou suas primeiras vivências de liberdade relacionadas à sua sexualidade.

[...] Porque eu digo então que eu fui viver essa sexualidade e essa afetividade só depois dos 18? Porque eu fui ter o meu primeiro namorado em Florianópolis depois dos 18 anos né! Então eu fui ter o meu primeiro namorado lá, foi a primeira vez que eu saí sozinho, foi a primeira vez que eu beijei em público, foi a primeira vez que, sei lá, andei de mão dada na rua né, então eu acho que essa vivência foi lá. E aí é simples, no momento que tu descobre que tu tá feliz e que aquilo é o que você é, acabou! Nada mais vai fazer você voltar atrás! (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

O relato acima transmite a sensação de liberdade atribuída à viagem por Pimentel (2001, p. 83) quando diz que “na medida em que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras”. O mesmo entrevistado nos revela através de sua fala que a transgressão do seu “armário”, o seu *coming out*, se iniciou ainda em Florianópolis, pois ao conhecer outros *gays* e ter novas experiências, sempre que um amigo seu o visitava ele revelava aquilo que estava diferente daquele momento em diante:

[...] à medida que eles iam me visitando, eu ia dizendo: olha tem algumas coisas diferentes, eu tô namorando um cara; ou: eu tô ficando com um cara. Teve um amigo meu que ele queria muito sair lá em Florianópolis e eu disse: a gente vai sair, mas a gente vai numa boate gay. E eu me lembro que ir num lugar gay era algo muito marcante, embora antes dos 18 já existiam esses lugares aqui em Pelotas, eu não tinha coragem de ir. Então eu fui ter coragem de ir lá! (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

Sobre o período após o retorno Florianópolis/SC, o entrevistado A (18.06.2014) diz que seu comportamento em relação à sua sexualidade havia sido transformado, ratificando a ideia de Ianni (1996 apud PIMENTEL, 2001, p. 83) de que “aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa”. No caso do entrevistado A (18.06.2014), embora o mesmo relate não ter encontrado formas de realizar o *coming out* diante de sua família, após seu retorno, sentiu a necessidade de transgredir esse “armário”, demonstrando a mudança ocorrida durante o afastamento, conforme ele mesmo diz:

E eu voltei pra Pelotas, depois de mais ou menos um ano e meio, porque eu passei pra Direito aqui e não lá, e quando eu voltei pra cá, eu tava muito mais flexível quanto a minha sexualidade, mas ainda se fazia necessário um momento de



enfrentamento frente à família. Por quê? Porque se mesmo que eu não contasse nada, eu ia ficar me sentindo mal, me sentia muito mal, a impressão que eu tinha era que eu tinha que falar. Eu não sei te explicar por quê. É um sentimento de urgência. Tu tem que falar! Não sei por quê?! Eu sei que eu tinha que falar de alguma maneira, mas eu não encontrava como. (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

Por fim, ao ser questionado sobre o quanto as experiências nesse período de afastamento contribuíram sobre sua sexualidade, o entrevistado A fala de forma enfática que “se elas não tivessem acontecido eu tava ainda enterrado na caverna” (ENTREVISTADO A, 18.06.2014), pois havia ido “pra uma cidade onde ninguém me conhecia, aonde eu tinha internet, tinha grupos que o pessoal se encontrava, conversava, aonde tinha baladas, bares” (ENTREVISTADO A, 18.06.2014) e tudo isso contribuiu para proporcionar a ele um ambiente de experimentação, indo ao encontro das teses de motivações de viagem propostas por Krippendorf (2009), quando coloca que “Viajar é fugir – [...] O ser humano evita encarar a situação insatisfatória em que se encontra, desenvolvendo uma tendência para a fuga. [...] Essa fuga para o exterior poderia exprimir igualmente a fuga do indivíduo diante de si” (KRIPPENDORF, 2009, p. 45-46) ou quando expõe que “Viajar é partir para a descoberta de si mesmo – [...] é precisamente num ambiente incomum e estranho que retomamos a consciência da nossa própria realidade. [...] Temos tempo para comparar-nos ao outro e descobrir nossas aptidões” (KRIPPENDORF, 2009, p. 48).

Então, sim, sem sombra de dúvidas, é fundamental se enxergar isso, se enxergar no outro ou enxergar as possibilidades da tua vida no outro, sabe?! É isso que é fundamental, dizer assim: ó, é isso! [...] A gente carece de referencial de quem é gay! Da gente ver que existem pessoas como nós e que isso é normal, e que elas vivem bem. (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

Sobre as viagens que realizaram, nossos entrevistados revelam um espectro amplamente diverso de motivações, experiências e características referentes aos seus deslocamentos. Inicialmente, ao serem solicitados para falarem sobre viagens que tenham feito ao longo de suas vidas e que desejavam compartilhar, alguns entrevistados nos relataram o que o ato de viajar representava para eles, antes de falar sobre as viagens propriamente ditas, como segue:

[...] o ato de viajar eu acho ele libertador por excelência. Se tu alia isso a um sentimento de cê tá numa cidade aonde tu tava dentro de um esquema, aonde tu tinha família, tinha escola, amigos, no momento em que tu viaja, é claro, é óbvio que isso, por mais que tu não queira, vai ser uma experiência libertadora. Você chega num lugar onde historicamente, se você tá inserido numa realidade de difícil convivência, cê chega num lugar onde ninguém te conhece, isso se torna muito mais flexível. (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

Eu acho que viajar sempre traz a sensação de liberdade pra gente. Só não sei quando é a negócios ou a trabalho. Mas até quando a gente vai a trabalho, eu mesmo pensado nas viagens que a gente vai pela Universidade, tem trabalhos pra apresentar e fazer nos congressos, só o fato parece que sair da onde a gente tá vivendo e se deslocar espacialmente até um outro lugar, já te dá uma sensação de



liberdade. Momentaneamente tu tá te desprendendo, tu tá deixando toda uma carga de lado pra ir pra algo novo, diferente, ou revisitar algo que tu não via há muito tempo. Então eu me sentia, não sei se essa é uma boa definição, mas acho que essa sensação de liberdade que as viagens proporcionam eu acho algo que deve ser falado. (ENTREVISTADO C, 02.07.2014)

Os relatos acima, mais uma vez, evidenciam as teses abordadas por Krippendorf (2009) de que viajar é fugir e partir para a descoberta de si mesmo, retomadas anteriormente, e também vão ao encontro da ideia de Pimentel (2001) sobre a viagem como uma libertação, também já retomada no presente capítulo. Dessa forma, constatamos a ideia que tínhamos a priori de que a viagem, o deslocamento, o afastamento do entorno social caracteriza-se como a fuga, seja ela do cotidiano, ou seja, sobretudo no caso dos *gays*, a libertação da opressão normativa da sociedade.

A primeira viagem que o entrevistado B relata, em suas palavras “*as primeiras viagens que já me vem de cara, na cabeça, é o Uruguai, não tem como né?*” (ENTREVISTADO B, 18.06.2014), se referindo à viagem que realizou com o Grupo Também Pelotas – pela livre expressão sexual –, onde pela afinidade criada acabou retornando outras vezes. Falou que a oportunidade de viajar com este grupo foi motivo de muita expectativa para ele, pois “*lembro que foi lindo aquele ônibus, tipo, vendo tudo, a bicharada, eu lembro que foi aquela coisa fantástica [...]; Daí eu pensei que maravilha essa viagem vai ser eu, eu mesmo*” (ENTREVISTADO B, 18.06.2014). Tal afirmação demonstra a busca que o entrevistado B almejava ao realizar a viagem, ser ele mesmo, partir para longe das coerções sociais, partir para aquilo que se quer e não se tem, em busca de experiências que trouxessem o sentido e a significação necessária à identificação de si (ROTSTEIN; BASTOS, 2011).

O mesmo entrevistado fala que, em outra oportunidade na qual viajou para o Uruguai, conheceu um homem em uma das festas que frequentou e manteve relação como mesmo por mais seis meses. Ao ser questionado sobre aquilo que essa experiência contribuiu para ele:

Eu acho que cada experiência que tu passa na vida, especialmente viagens, por exemplo, eu acho que sempre vais acumulando, tu vai ficando mais com aquela sensação, tipo, eu preciso realmente fazer mais alguma coisa com relação a mim próprio, me abrir, etc. Acho que contribuíram muito, foram ótimas e tal. Inclusive essa, por exemplo, que eu conheci esse uruguaio, pra mim foi muito legal, um cara muito bacana, ele também me ensinou muita coisa legal. (ENTREVISTADO B, 18.06.2014)

Outro dado interessante, que surge em duas entrevistas, é a relação de deslocamentos de homossexuais de cidades próximas, como o caso de Pelotas/RS e Rio Grande/RS, retomando a abordagem das “fronteiras como espaços de rupturas e descontinuidade espacial” (VIEIRA, 2011, p. 47). O entrevistado D relata, inclusive, que o ônibus utilizado possuía um nome próprio pelo fato desse tipo de viagem constituir-se em algo recorrente entre os homossexuais das referidas cidades:

Eu tive, antes de vir morar aqui, eu tive só uma vez aqui, foi uma amiga que me trouxe, eu vim no último ônibus de Rio Grande pra Pelotas que chama Priscila né,



Expresso Priscila, porque é a hora que as bixas vêm de Rio Grande pra cá, vem muita, muita, mas muita, e assim ó, é um frege muito grande, eu fiquei muito tímido, encolhido, reservado, mas só vem, assim ó, são 33 ou 36 lugares e 90% do ônibus é só bixa. Mas já é conhecido [...] porque vem lotado de bixa de Rio Grande pra cá, lotado! Eu não imaginava que isso pudesse acontecer! (ENTREVISTADO D, 04.07.2014)

Outro relato, sobre o deslocamento de homossexuais entre Pelotas/RS e Rio Grande/RS, cidades próximas, é o do entrevistado A, que demonstra o uso das viagens por essa população no sentido de fuga e conseqüente libertação, que fala:

[...] eu me lembro que eu conheci um amigo meu na internet, nós éramos amigos, e a gente tinha muita vontade de ir numa festa gay, mas não em Pelotas, então a gente foi em Rio Grande, tinha uma festa em Rio Grande, então me lembro que foi uma viagem específica, viagem aqui do lado, específica pra você se deslocar pra um lugar aonde ninguém te conhece pra você ter essa experiência. [...] Então a gente foi até lá e isso se tornou um hábito. Todo final de semana a gente viajava pra lá, pra curtir uma balada em Rio Grande e acho que tem gente que faz isso até hoje, não nesse lugar específico, mas acho que tem muita gente que faz isso, gente de Rio Grande que vem curtir baladas aqui e a gente que vai pra lá. (ENTREVISTADO A, 18.06.2014)

As duas falas anteriores, do entrevistado D (04.07.2014) e do entrevistado A (18.06.2014), sobre os deslocamentos entre as cidades de Pelotas/RS e Rio Grande/RS, conferem ao campo de fronteira o significado abordado por Paasi (2005 apud VIEIRA, 2011, p. 47) como “construções sociais, culturais e políticas”. Ou que, mesmo em deslocamentos de curta distância, entre cidades limítrofes, “a realidade do outro, do mundo, como exterioridade seria apenas uma passagem, um espaço intermediário no processo de elaboração da experiência” (ALMEIDA, 2013, p. 122), sendo essa experiência, quando vivenciada no campo de fronteira, que leva ao sujeito à percepção de si no outro.

Os entrevistados também possuem, de forma unânime, outras relações com os deslocamentos, no sentido de conhecer as realidades sociais e culturais locais, fugindo do estereótipo difundido no senso comum em apenas relacionar o turismo realizado por essa população à espaços e guetos de sociabilidades sexuais, como mostra a fala do entrevistado D:

Em primeiro lugar o que eu procuro é a parte cultural mesmo, não vou dizer que eu não procuro a putaria também, é óbvio, só que em primeiro lugar é a parte cultural. Eu acredito, e isso faz tempo que eu carrego comigo, que eu tenho que trazer alguma coisa de bom dessas viagens, acho que todo mundo tem. Trazer alguma coisa de bom daquilo ali, tu trazer uma nova cultura, o jeito de pensar daquelas pessoas. (ENTREVISTADO D, 04.07.2014)

É interessante notar no relato do entrevistado D (04.07.2014), que ele não nega existir a busca pela experimentação do prazer sexual, mas deixa claro que esse não é o único objetivo. As experiências no campo de fronteira descritas por Almeida (2013, p. 22, destaque da autora) referem-se, da mesma forma que o entrevistado, ao “encontro permanente com o mundo e os outros (os outros homens, a natureza, o outro não humano, e o outro espiritual)”,



permitindo aos indivíduos o conhecimento de si diante do outro mundo, e não apenas do outro humano. Logo, os sujeitos que se encontram em busca de algo, em busca de experiências de fronteira, se sentem não apenas incompletos em relação à sua sexualidade, mas em todos os aspectos necessários para a satisfação e entendimento de si.

Finalmente, é possível encontrar nas entrevistas realizadas as experiências de fronteiras descritas anteriormente na teoria que utilizamos, e que essas experiências foram cruciais para a reflexão dos indivíduos entrevistados sobre suas sexualidades. O último trecho de relato do entrevistado C, é bastante elucidatório nesse sentido:

Não são só diferenças naturais ou culturais que a gente encontra nos lugares, as diferenças de vivência da própria sexualidade também tão presentes, e a viagem te traz uma oportunidade pra refletir incrível. Eu lembro que quando eu fui pra São Paulo, que foi uma outra viagem bem marcante que eu tive, aqui em Pelotas a gente ainda não tinha essa possibilidade de demonstrar publicamente o afeto, e como eu tava lá numa grande capital, por diversos momentos eu via os casais demonstrando publicamente, demonstrando o afeto, então aquilo foi, aquilo me afetou de uma forma maior do que deveria até, porque fez pensar muito, inclusive sobre a minha própria postura. Então serviu pra eu pensar as diferenças que tinha nos lugares né, nos lugares que eu fui visitar com o lugar que eu moro, mas serviu pra refletir sobre a minha própria postura diante da vida, da minha sexualidade, das minhas vivências, foi bastante interessante. (ENTREVISTADO C, 02.07.2014)

Logo, a experiência de fronteira a qual nos referimos através de Almeida (2013, p. 23), permitiu aos entrevistados, utilizando as palavras da própria autora, “uma relação dialógica entre o outro de si mesmo e o outro do outro”. Essa relação dialógica altera a percepção do indivíduo sobre sua sexualidade, o fazendo reagir frente às coerções enfrentadas em seu meio habitual, forçando-os a “uma atitude comunicacional, dialógica, com o mundo e todos os seus outros. Uma experiência de atravessamento para o encontro no outro, uma passagem para o encontro de nós mesmos”. Essa passagem para o encontro de nós mesmos, neste trabalho, compreendemos como as viagens que proporcionam a vivenciadas experiências de fronteiras e que, conseqüentemente, permitem o saber necessário de si para o enfrentamento das transgressões dos “armários”, sejam eles quais forem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do trabalho, além da complexidade característica do campo de estudos do turismo, a compreensão da sexualidade humana perpassa inúmeros aspectos relacionados às esferas cultural, social, moral e política, entre tantas outras possíveis análises condizentes com a importância do tema. Nos deparamos, pois, no transcorrer das leituras realizadas, com diversos conflitos teóricos, etimológicos e epistêmicos, em todos os campos de estudos percorridos, e pelos quais optamos não aprofundar as discussões e análises, haja vista a necessidade de certa objetividade no que diz respeito à amplitude deste tipo de trabalho.



Acrescentamos à compreensão das viagens, a possibilidade de estas caracterizarem-se como experiências libertadoras no campo de fronteira, campo este onde a alteridade se estabelece e permite aos sujeitos *gays* o conhecimento de si sobre o outro e do outro através de si. Os dados das entrevistas analisados contribuíram, sobretudo, para a confirmação de que os deslocamentos, turísticos ou não, se constituem como instrumentos de afastamento e/ou fuga das coerções sociais a que estão submetidos os *gays*, que partem em busca de experiências que possam proporcionar a eles não apenas a experimentação do prazer sexual, não apenas o conhecimento do outro, mas principalmente o conhecimento de si através do outro, e com isso amenizar os conflitos existentes e transgredir os limites públicos e privados impostos pelo “armário” *gay*. Por este motivo, acreditamos que a pesquisa atinge seu objetivo, ao demonstrar a existência de outra relação entre as viagens e os *gays*, fugindo da lógica estatística do mercado da segmentação, que transforma as pessoas em moedas de troca. Vislumbramos, dessa forma, um turismo inclusivo, humanitário e cumpridor de seu papel de desenvolvimento e transformação social de forma ética e responsável.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabiana A. B.. Viagens turísticas como experiências de fronteiras. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.1, p.13-28, jan./abr. 2013.
- DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.
- FIGUEIREDO, Silvio J. de L.; RUSCHMANN, Doris V. de M.. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA** [da] Universidade Federal do Pará, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004.
- HAUSER, Juliana. **TURISMO GLBT: um segmento promissor**. 2005. 129 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Turismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 2005.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3. ed. São Paulo, SP: Aleph, 2009.
- LANZARINI, Ricardo. A Viagem Liberadora: Para além das Fronteiras Sociais da Sexualidade. **Revista Rosa dos Ventos** [da] Universidade de Caxias do Sul, v. 5, n. 4, p. 548-558, out-dez, 2013. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2138>>. Acesso em 17 abr. 2014.
- LEAL, Rosana E. da S.. A Viagem Turística como Campo Etnográfico: um relato de pesquisa. **IV Reunião Equatorial de Antropologia / XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. Fortaleza: GT 32 – Turismo, populações locais e meio ambiente, ago., 2013.
- NASCIMENTO, Ana Carolina M. **Turismo GLS: a ABRAT GLS como forma de inclusão social para gays e lésbicas**, 2009, 141 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Turismo) – Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2009.



- OLIVEIRA, Luciano A. **Turismo para Gays e Lésbicas: uma viagem reflexiva**. São Paulo: Roca, 2002.
- PIMENTEL, Thaís V. C.. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. **Revista Varia História** [da] Universidade Federal de Minas Gerais, n. 25, p. 81-120, 2001.
- ROTSTEIN, Eduardo; BASTOS, Angélica. A Concepção Freudiana de Experiência. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa** [da] Universidade Federal de Brasília, v. 7, n. 3, p. 371-380, jul./set. 2011.
- SAGGESE, Gustavo S. R.. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf>. Acesso em 17 abr. 2014.
- SILVA, Alessandro S. As cores memoriais (e distorcidas) da (in) diferença: com que cores se colorem o passado no tempo presente da homofobia. **Revista Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades** [da] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v.1, n. 1, p. 167-192, 2007. Disponível em <<http://incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/article/view/525>>. Acesso em 17 abr. 2014.
- SILVA, Alessandro S.. Memória, Consciência e Políticas Públicas: as Paradas do Orgulho LGBT e a construção de políticas públicas inclusivas. **Revista Electrónica de Psicología Política** [da] Universidade Federal de San Luis, ano 9, n. 27, nov./dez. 2011. Disponível em <<http://www.psicopol.unsl.edu.ar/abril2012-nota09-Memoria,%20conciencia%20y%20pol%EDticas%20publicas-el%20papel%20de%20las%20marchas%20del%20orgullo%20LGBT.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2014.
- TREVISAN, João S. Turismo e Orientação Sexual. In: BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo Social: Diálogos do Turismo: uma viagem de inclusão**. Ministério do Turismo. Rio de Janeiro: IBAM, p. 139-171, 2006.
- VIEIRA, Paulo Jorge. Mobilidades, Migrações e Orientações Sexuais: Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. **Ex aequo** [da] Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres – APEM, n. 24, p. 45-59, 2011. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 mai. 2014.
- ZANELLA, Andréa V. Sujeito e Alteridade: Reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Revista Psicologia & Sociedade** [da] Associação Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, v. 17, n. 2, ago. 2005.